

RELEITURAS DE JUÍZES 11,29-40: ENCONTROS E DESENCONTROS HISTÓRICO-HERMENÊUTICOS

Jônatas de Mattos Leal¹,
SALT/IAENE-BA

Resumo

A história do sacrifício da filha de Jefté, registrada em Juízes 11,29-40, sempre provocou emoções distintas. Tais emoções estão refletidas na produtiva história da interpretação da passagem na tradição judaico-cristã. Em geral, a tradição judaica sempre considerou o texto do ponto de vista literal destacando a insanidade do voto e a loucura de seu cumprimento. Por outro lado, por vezes, a tradição cristã ou considerou o voto como tipologicamente apontando para Cristo, ou buscou uma escapatória para o dilema moral entendendo que o voto não foi cumprido literalmente, ou seja, a filha não foi realmente morta, mas dedicada a Javé no serviço do templo durante o resto da vida. Tal passagem torna-se um bom exemplo de como a história da interpretação pode ajudar a elucidar tanto o processo hermenêutico quanto o significado mais adequado de um texto.

Palavras-chave: Sacrifícios humanos. Filha de Jefté. Antigo Testamento. Interpretação de textos.

1 INTRODUÇÃO

As questões levantadas pela narrativa do sacrifício da filha de Jefté em Jz 11, 29-40 nutriram uma prolífera história de interpretação da perícopes ao longo da tradição judaico-cristã. A popularidade da história de Jefté e sua filha não se tem restringido apenas à erudição teológica nos círculos acadêmicos, antes, como afirma Marcus, já em 1948 o professor inglês W.O. Sypherd

Foi capaz de compilar um livro inteiro documentando onde o tema tem sido usado na literatura, música, pintura e artes afins (gravura, escultura, ilustração manuscrita e tapeçaria) [...] Cerca de 300 obras literárias em quase cada língua moderna, desde a idade média até o final da década de 1940. (MARCUS, 1986, p. 7).

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Bacharel em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-americano de Teologia - SALT. Membro do Grupo de Pesquisa Cristianismo e Interpretações – UNICAP, Professor de Línguas Bíblicas no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, sede regional Instituto Adventista de Ensino do Nordeste - IAENE. E-mail: leal.jonatas@gmail.com

Alguns poderiam indagar sobre a importância do estudo da história da interpretação de Juízes 11,29-40, porém, como se verá, tal estudo mostrar-se-á de grande utilidade para o entendimento adequado da própria passagem, pois nas palavras de Thompson:

Juízes 11 provavelmente levanta menos problemas pelo que é dito do que por aquilo que deixa de dizer. Contudo, as maneiras pelas quais os comentaristas têm preenchido estes silêncios falam-nos muito sobre como ler este texto à luz do testemunho bíblico mais abrangente no que diz respeito ao valor da vida humana. (THOMPSON, 2007, p. 10).

Além disso, conclui-se que, diferentemente do que afirmou Phyllis Trible (1984), a filha sem nome não foi esquecida na “hermenêutica patriarcal”; antes, sua memória foi lembrada por vezes, não só pelas filhas de Israel que a lamentavam quatro vezes no ano, mas pelos exegetas que, no passado, se debruçaram sobre esse texto.

Tendo isso em vista, esse artigo visa a oferecer uma breve revisão histórica das principais interpretações do sacrifício da filha de Jefté em Jz 11, 29-40 desde a tradição judaica à tradição cristã, com objetivo de refletir como um texto como esse pode sofrer alterações em sua compreensão e de que forma tal revisão histórica pode ajudar na interpretação de uma passagem tão polêmica quanto essa.

2 TRADIÇÃO JUDAICA

Para uma amostra de como o sacrifício da filha de Jefté foi interpretado, dentro dessa tradição separaram-se quatro testemunhos que tratam de Jz 11, 29-40. Eles seguem abaixo e são: o Targum de Juízes, as “Antiguidades Bíblicas de Filo” de PseudoFilo, as “Antiguidades Judaicas” de Flávio Josefo, e a literatura midráshica que trata da narrativa, cuja composição data de 400-1200 d.C., mas reflete tradições orais muito mais antigas.

Um importante testemunho da interpretação judaica primitiva são os Targumin, que, nos estudos bíblicos, designa uma “tradução judaica primitiva da Bíblia para o Aramaico” (ALEXANDER, 1996, p. 320). Porém, mais do que uma tradução, o Targum é uma interpretação em forma de expansão do texto hebraico. Pois, “além de seu sentido básico de ‘tradução’, o verbo *tirgēm* no hebraico rabínico

pode também significar ‘explicar’ um verso bíblico ou um verso da *mishná*, cuja linguagem da explicação se confunde com a linguagem do texto original” (ALEXANDER, 1996, p. 321).

Com respeito a Juízes 11, 29-40, segundo Smelik (1995), a interpretação targúmica é provavelmente mais antiga do que a midráshica. Por isso, será o primeiro testemunho a ser considerado na interpretação judaica. É possível que o Targum tenha assumido sua forma escrita básica por volta do II século. Porém, trata-se de uma tradição oral bem mais antiga. Alguns remontam seu começo aos tempos de Esdras e Neemias. Dois pontos podem ser considerados como importantes variantes do texto hebraico². Em primeiro lugar, de acordo com o Targum, o voto é cumprido literalmente, o que é considerado um grave erro. Isso fica claro na tradução de 11,39:

E no fim dos dois meses, ela retornou para seu pai e ele cumpriu nela o seu voto. Ela não tinha conhecido homem algum. E tornou-se um decreto em Israel, **para que ninguém possa oferecer seu filho ou sua filha como oferta queimada, como Jefté o Gileadita fez, o qual não foi inquirir Finéias, o sacerdote. Pois se ele tivesse inquirido Finéias, o sacerdote, ele a teria resgatado com uma consagração monetária** (Grifo nosso).

Como se vê, a narrativa teria propósito exemplar para que o mesmo erro não viesse a ser repetido. Além disso, a falha de Jefté está no fato de que o sacrifício poderia ter sido evitado por resgate monetário previsto pela lei, visto que “as visões rabínicas sobre esse sacrifício assumem que o voto poderia ser facilmente anulado” (SMELIK, 1995, p. 555).

Em segundo lugar, vale destacar que a expansão targúmica não deixa claro se o erro de Jefté foi fruto de um ato inadvertido por um desconhecimento ou se foi um desrespeito consciente caracterizado por uma prática “pagã”, na qual Jefté oferece sua filha a Javé sob influência da religião dos vizinhos de Israel (sincretismo). Porém o intérprete targúmico reage energicamente ao ato de Jefté elaborando sua morte numa nota marginal de Jz 12,7 da seguinte maneira:

E Jefté julgou Israel por seis anos. **Então, Jefté, o Gileadita, morreu de ferimentos mortais por que não poupou sua filha e não se**

² Em 1995 Smelik lançou o “Targum de Juízes”. Neste importante livro o autor apresenta o próprio targum em aramaico, a tradução em língua inglesa e um comentário onde discute os principais aspectos do texto dentro do contexto da literatura rabínica em geral, bem como a discussão de crítica textual. Por ser uma tradução que respeita os critérios científicos, ela será usada nesta pesquisa (SMELIK, 1995).

sujeitou a Finéias, o sacerdote, que poderia ter desfeito o voto para ele. E seus membros lhe caíram e foram enterrados nas cidades de Gileade (Grifo nosso).

Embora o texto não esclareça de que modo Jefté é ferido mortalmente, fica claro que tal morte é um juízo sobre ele. A menção de que seus membros são enterrados em mais de uma cidade indica que o mesmo foi esquartejado publicamente. O que confere ao ato do sacrifício uma notoriedade popular, e por isso uma reação de horror coletivo.

Outro interessante testemunho sobre a interpretação do sacrifício da filha de Jefté está inserido na obra de PseudoFilo, nome atribuído ao autor do “Livro das Antiguidades Judaicas”, um pseudepígrafo³ judaico preservado em Latim com o nome de “*Liber Antiquitatum Biblicarum*”, que contém uma narrativa seletiva da história de Israel, de Adão a Davi.

PseudoFilo trata do sacrifício da filha de Jefté no quadragésimo capítulo de seu tratado. O capítulo trata exclusivamente da narrativa de Jz 11, 29-40. O autor expande, também em forma narrativa, a perícopes alterando e acrescentando informações, hinos e diálogos. PseudoFilo começa com o resumo da batalha aumentando para sessenta cidades conquistadas em vez das vinte cidades mencionadas no Texto Massorético. Em seguida, narra, então, o retorno vitorioso do guerreiro e menciona que algumas mulheres lhe vêm ao encontro, mas na frente vai a filha, que nesta narrativa tem um nome, Seila. Aparentemente, o nome está relacionado com o sacrifício, pois PseudoFilo põe na boca de Jefté: “Certamente teu

³ Tanto a autoria atribuída a Filo quanto o título da obra não parecem ser originais. Pois em nenhum lugar da obra o autor se identifica como Filo, nem a abordagem e a teologia são as mesmas encontradas na obra de Filo de Alexandria, cujo nome parece mais lhe conferir autoridade do que influência. Da mesma forma o título parece ser uma adição posterior provavelmente para ligar esta obra àquela de seu famoso contemporâneo Flávio Josefo, “Antiguidades dos Judeus” (PORTER; EVANS, 2000). A obra se trata de uma narrativa bíblica criativamente reescrita que se aproxima muito do ponto de vista literário das “Antiguidades Judaicas” de Josefo, do “Apócrifo de Gênesis” e “Jubileus” da comunidade de *Qumran*. O autor usa criativamente as narrativas bíblicas para ilustrar questões consideradas especialmente instrutivas para sua audiência. A obra provavelmente foi escrita em hebraico, depois traduzida para o grego e finalmente para o latim. Não se sabe ao certo a data da composição do documento, mas há certo acordo que tenha sido no primeiro ou segundo século d.C. Contudo, o interesse em sacrifícios e em outras questões cúlticas bem como o silêncio sobre os eventos do ano 70 d.C. apontam para uma data pré-70 d.C. (PORTER; EVANS, 2000). Em qualquer caso, por sua antiguidade e por sua profunda inserção no pensamento do Judaísmo do primeiro século, esta obra torna-se de especial importância para entender a hermenêutica judaica na mesma época, e, mais particularmente a interpretação corrente de Jz 11,29-40 no mesmo período. O texto completo do tratado pode ser consultado na internet. Pseudo-Philo. The biblical antiquities. Trad. de M. R. James . Internet sacred texts archives. Disponível em: <<http://www.sacredtexts.com/bib/bap/bap56.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

nome se chama Seila, de modo que deverias ser.” A irrevogabilidade do voto está presente também, pois Jefté afirma não poder voltar atrás. Ademais, o próprio nome da filha apontava preditivamente para seu sacrifício.

Um grande diferencial desta releitura é a descrição da atitude da filha, que participa muito mais ativamente na narrativa. Diante do voto, Seila responde:

E quem é que pode ficar triste em sua morte quando vê o povo liberto? Não te lembras o que se deu nos dias de nossos pais, quando o pai apontou seu filho como oferta queimada, e ele não se opôs, mas consentiu alegremente? E aquele que tinha sido oferecido estava pronto, e aquele que ofereceu estava contente. Agora, portanto, não anule nada do que tens votado, mas me conceda apenas uma oração (PSEUDO-PHILO, 2011).

Desta forma, a voluntariedade da filha é equivalente à do próprio patriarca Isaque. É a filha que instrui o pai e também o anima em face do voto. Em seguida, a filha faz o pedido para peregrinar pelas montanhas junto com suas amigas. E seu pai consente, usando a mesma fraseologia da narrativa bíblica. Entretanto, em Filo, além de lamentar a virgindade, a peregrinação também inclui a preocupação se o voto seria “aceito” ou não. Ela afirma: “Eu temo que minha morte não seja aceitável, e que perca minha vida sem propósito”. Assim, o autor não traça sua morte desastrosamente, mas a descreve como tendo um propósito, ainda que esse não seja claro na narrativa de PseudoFilo.

A próxima ação é um tanto quanto enigmática e contraditória visto que ele tenta fugir do sacrifício que anteriormente consente em participar. PseudoFilo continua narrando “E Seila, a filha de Jefté saiu, ela e as virgens que eram colegas dela, e veio e falou com homens sábios do povo. E nenhum podia responder suas palavras”. Não fica claro que tipo de indagações a filha fazia. Pode ser que fosse acerca de sua própria situação. A Mishná prescreve que em alguns casos um voto poderia ser anulado pelos “sábios”⁴. Se for esse o caso, a menina buscou os sábios para que pudessem anular o voto, mas eles não conseguiram. E de acordo com o sonho, exposto a seguir, esse impedimento vinha da parte do Senhor, que planejava que a garota fosse de fato sacrificada. De qualquer forma, o que pode também estar implícito é a intenção do autor de apresentá-la como alguém mais inteligente que os sábios, os quais não podiam responder a suas indagações. Uma referência à

⁴ O costume está prescrito em pelos menos três tratados: Moed Katan 3.1; Nedarim 2.5; Nazir 5.3 em Danby (1988, p. 79).

sabedoria da filha está nas palavras que lhe serão ditas num sonho noturno expostas a seguir.

É muito interessante perceber como a filha é muito menos passiva e relutante do que na narrativa bíblica. Aqui Jefté é o personagem coadjuvante. A filha está no centro. Seria Filo o primeiro exegeta feminista? Filo chega a mencionar uma revelação divina recebida pela filha após chegar ao monte Stelac. Durante a noite o Senhor lhe aparece dizendo:

Veja, agora tenho calado a língua dos sábios entre meu povo diante desta geração, de modo a que não possam responder a palavra da filha de Jefté, para que minha palavra possa ser cumprida, e meu conselho, como tinha planejado, não seja destruído: e tenho visto que ela é mais sábia do que seu pai, e uma donzela de entendimento mais do que todos os sábios que estão aqui. E agora que seu pedido por sua vida seja-lhe concedido, e sua morte será preciosa a minha vista por todos os tempos (PSEUDO-PHILO, 2011).

Não há precedente, cujo registro tenha sobrevivido, no qual a filha tenha uma posição tão elevada. Aqui a filha é considerada mais sábia do que o pai e com mais entendimento do que os sábios de sua época. Outra questão indagadora é o fato de Javé ter planejado sua morte, que é vista como preciosa diante dele. Infelizmente PseudoFilo não dá mais esclarecimentos. Porém, isso já é suficiente para entender que, para ele, sua morte não foi um acidente. Neste ponto, pode-se conjecturar mais um “link” entre Seila e Isaque, embora o fim da última história seja tão diferente.

Antes de Seila voltar ao seu pai para o cumprimento do voto, ela profere uma lamentação especificamente sobre sua virgindade. Essa é uma mistura de pranto porque “não tenho sido saciada na cama de meu casamento” e de preocupação se “minha alma não será tomada em vão”. Logo após o lamento, Seila volta para seu pai, que cumpre o voto que tinha feito. O fim da perícopes descreve muito mais fortemente do que o texto massorético o impacto da morte da filha na comunidade:

E depois que disse estas palavras, Seila voltou ao seu pai, ele fez tudo conforme tinha votado, e ofereceu ofertas queimadas. Então, todas as donzelas de Israel se reuniram e enterraram a filha de Jefté e a lamentaram. E os filhos de Israel fizeram uma grande lamentação e determinaram que naquele mês, no décimo quarto dia do mês, elas deveriam se reunir cada ano e chorar pela filha de Jefté quatro dias. E chamaram o nome de sua sepultura de acordo com seu próprio nome, Seila (PSEUDO-PHILO, 2011).

Como se nota, nesta narrativa, é mencionado o sepultamento da filha do qual “todas” as donzelas de Israel participam e pelo qual todos os “filhos de Israel fazem um grande lamento”. Não só o dia é determinado, 14º dia do mês (que não é mencionado no Texto Massorético), como lembrança de seu sepultamento e de seu sacrifício, mas também o lugar de sua sepultura é nomeado com seu próprio nome, Seila.

Outra passagem obrigatória na interpretação judaica do primeiro século é Flávio Josefo⁵, que também tratou da narrativa de Jz 11,29-40. Josefo não trata extensivamente da questão do sacrifício de Jefté. A única menção que é feita sobre a narrativa do capítulo 11 de Juízes ocupa dez versos do capítulo sete no livro cinco das Antiquidades Judaicas (WHISTON, 1996, p. 257-266). Em contraposição a PseudoFilo, Josefo segue bem de perto o texto bíblico, acrescentando apenas algumas informações ou detalhes novos. Os versos podem ser praticamente considerados uma paráfrase do texto massorético. Apenas no final do verso 266 Josefo se posiciona, ainda que brevemente, diante da narrativa. A tradução usada para as citações abaixo pode ser encontrada na obra de William Whiston “The Works of Josephus”, onde o autor publica as obras completas de Flávio Josefo em língua inglesa.

No verso 263, Josefo começa a exposição de Jz 11,29-40 propriamente dita. Josefo salienta que Jefté orou pela vitória e votou “realizar ofícios sagrados, e se voltasse ao lar em segurança, oferecer em sacrifício a criatura viva que primeiro o encontrasse”. É interessante notar a forma piedosa como o personagem é apresentado a princípio. Aparentemente, até este ponto, não havia nada de errado com as ações de Jefté. Pois, possivelmente, “realizar ofícios sagrados” não implica oferecer sacrificialmente um ser humano, e menos a própria filha. Ademais, de acordo com Josefo, o voto de Jefté incluía oferecer em sacrifício à primeira “criatura viva” que aparecesse. Embora seja inegável que “criatura viva” ainda envolva certa ambiguidade, a expressão tende a caracterizar mais um animal do que uma pessoa. Isso pode indicar que na ótica de Josefo, Jefté não tinha, a priori, um sacrifício humano em vista. O fim do verso destaca a amplitude do êxito obtido diante dos

⁵ Para mais informações sobre Flávio Josefo, consultar: (GEISLER, 1999, p. 253; MYERS, 1987, p. 598; CROSS, 2005, p. 908).

amonitas, que Josefo caracteriza como “grande vitória”. Como resultado Jefté tomou o despojo e “alimentou seu próprio povo”.

Depois de relatar o retorno e o encontro com a filha no versículo 264, a reação dela é descrita no versículo 265. Josefo assim a expõe, “Embora esta ação devesse recair sobre ela, não lhe foi desprezível, visto que deveria morrer por ocasião da vitória de seu pai, e da liberdade de seus concidadãos” (WHISTON, 1996, p. 265). Desta forma, a filha concebe seu próprio sacrifício como necessário e significativo; não o vê como “desprezível”. Necessário, pois ela “deveria morrer”, e significativo, porque se dava em face da “vitória de seu pai” e da “liberdade de seus concidadãos”. Assim, na narrativa de Josefo, a filha segue sem muita autonomia. Do mesmo modo que em PseudoFilo, Josefo não deixa claro por que a menina “deveria” morrer. Essa é uma diferença marcante entre Josefo (e PseudoFilo) e a literatura rabínica que entendia que a morte da filha poderia ter sido facilmente evitada. Na literatura rabínica não há nem sombra de inevitabilidade, nem qualquer interpretação que ligue as ações de Jefté à vontade de Deus.

Em seguida, a filha pede para lamentar, por dois meses, a “sua juventude”. Interessantemente, a temática da virgindade está ausente por completo da narrativa de Josefo; a palavra é mencionada apenas uma vez para descrever sua condição: “ela era também a única filha e uma virgem”. É muito interessante também perceber a palavra usada pelo autor para denominar o grupo que acompanha a filha de Jefté durante os dois meses, que neste caso, é uma peculiaridade de Josefo: em vez das “amigas”, são os *polítw/n /politōn*, “cidadãos” (*políthj*) que lhe acompanham. A palavra é usada para designar os habitantes de uma *pôlij/polis*, “cidade”, e serve para designar um grupo que pode ser formado tanto por homens quanto por mulheres. Não há espaço aqui para conjecturar sobre a razão para isso. Contudo, duas possibilidades podem ser brevemente apontadas. As amigas que a acompanham no texto bíblico, aparentemente, também eram virgens e acabam, por sua menção na história, reforçando a temática da virgindade dentro da narrativa. Mas, por alguma razão, essa temática não é importante para Josefo e parece ser conscientemente ignorada em sua exposição. Além disso, vale lembrar que um dos objetivos de Josefo em sua obra é helenizar a narrativa judaica, adotando a fraseologia e conceitos dos autores gregos e despertar a atenção dos interessados

por filosofia. Nesse caso, nada melhor do que usar uma palavra como *politēs*, tão difundida e significativa no mundo greco-romano (BALZ; SCHNEIDER, 1993, p.129).

Então, no verso 266, a narrativa se encaminha para o desfecho. Seguindo o texto bíblico, Josefo encerra abruptamente a história: “Portanto, quando este tempo acabou, ele sacrificou sua filha como uma oferta queimada”. Josefo nada comenta sobre o costume das filhas de Israel de lamentarem anualmente quatro dias a morte da filha. Ao repetir, no cumprimento do voto, a expressão “sacrificou sua filha como uma oferta queimada”, Josefo deixa claro sua posição. Essa conclusão também é confirmada pela nota final em que o autor emite sua opinião sobre o ato de Jefté: “oferecendo esta oblação que nem era compatível com a lei nem aceitável a Deus, não ponderando consigo mesmo que opinião os ouvintes teriam de tal prática”. É instrutivo notar que Josefo usa o termo cúltico grego *qusi,a /thysia/*, oblação⁶ que na Septuaginta geralmente traduz o termo hebraico *hxîmi /minhâh/* que é usado para diversos tipos de ofertas, principalmente “uma oferta trazida a Deus livremente” (PFEIFFER; VOS; REA, 2005). De fato, para Josefo, essa não era uma oferta requerida por Deus. Nessa crítica, Josefo deixa claro para sua audiência greco-romana sem recorrer a alegorizações ou expansões do texto que tal oferta estava em desacordo com a lei dos judeus e que Javé não a requeria nem a aceitava.

Por fim, vale a pena levar em conta a posição *midráshica* sobre o texto. Acertadamente, Strack (1992, p.819) afirma que “o termo *midrash* não pode ser precisamente definido, apenas descrito”. No presente artigo, o termo estará restrito aos resultados dos estudos rabínicos que foram fixados na forma escrita entre 400 d.C a 1200 d.C. Geralmente, o *midrash* rabínico está dividido em *halákico*, que trata diretamente com material legal (*Torah*), e o *haggádico*, que possui material homilético e/ou exegético, cujo ímpeto é mais expositivo e exortatório. Quase sempre a interpretação se dá através de expansões e acréscimos da narrativa bíblica. Da mesma forma, o autor normalmente não separa seu próprio acréscimo à narrativa canônica, gerando uma confusão para o leitor despercebido entre o que é inserção rabínica e o que é a narrativa original. A menção feita ao sacrifício de

⁶ Oblação: A palavra é frequentemente encontrada na KJV (King James Version) em Levítico e nos profetas maiores. Os termos hebraicos incluem ofertas de todos os tipos, de ofertas pacíficas aos vasos de ouro e prata, ou mesmo a terra dedicada ao Senhor (Ez 48,12). Em Nm 31,50, há uma nota distinta de propiciação, mas sua ênfase está no reconhecimento geral da bondade e da elevada honra de Deus. Às vezes, oblação pode expressar uma percepção no ofertante que ele mesmo pertence a Deus (PFEIFFER; VOS; REA, 2005).

Juízes 11 está presente na literatura *midráshica haggádica*, ou seja, de ordem mais homilética e expositiva. É nesse grupo de escritos que o presente estudo se deterá.

O autor que melhor resume o pensamento rabínico *midráshico* sobre a interpretação do sacrifício da filha de Jefté é Louis Ginzberg.⁷ Em seu tratado “The Legends of Jews”, o autor apresenta uma síntese sobre uma vasta porção de textos homiléticos e exegéticos não legalísticos (*haggadah*) de toda a literatura rabínica clássica, bem como de pseudoepígrafos judaicos e até mesmo de literatura cristã primitiva reunindo lendas judaicas que vão de Adão a Ester, no período persa.

No caso de Jefté, o autor dedica uma seção exclusiva do período dos juízes para expor a interpretação *midráshica* da narrativa do capítulo 11. Como o faz no restante da obra, ele sintetiza as referências *midráshicas*⁸ sobre a maneira como a literatura rabínica entendeu e expandiu a perícopes. O autor inclui em sua exposição parte da narrativa de PseudoFilo, que, como já foi apresentada, não será levada em consideração novamente.

Ao que parece, a literatura *midráshica* admitia que Jefté não tinha em mente, a princípio, um sacrifício humano: “ele votou diante de Deus Ihe sacrificar o que quer que saísse das portas de sua casa para encontrá-lo quando voltasse vitorioso da guerra”(GINZBERG, 2003, p.874). Essa visão é confirmada na reação divina onde se menciona que ele tinha oferecido “a primeira coisa” que o encontrasse em seu retorno. Então, o voto causa a ira divina e Deus diz:

Então, Jefté votou oferecer a mim a primeira coisa que o encontrar!
Se um cão fosse a primeira coisa que o encontrasse, um cão seria oferecido a mim? Agora o voto de Jefté visitará sua primogênita, visitará sua própria descendência, sim, sua oração visitará sua única filha. Mas, certamente eu livrarei meu povo, não por causa de Jefté, mas por causa das orações de Israel (GINZBERG, 2003, p. 874).

Neste caso, o sacrifício da filha é visto como uma punição a Jefté, que impensadamente faz um voto insano. Mas, ao mesmo tempo não deixa de salientar que tal voto poderia ter sido revogado, como será visto a seguir. Outro detalhe importante é que o voto, e por consequência, o sacrifício, era desnecessário e não

⁷ O rabi Ginzberg é considerado um dos maiores *talmudistas* do século XX. Durante cinquenta anos (1902-1953) ele ensinou Talmud no Jewish Theological Seminary. Uma das suas principais obras é GINZBERG. **Legends of the Jews**. 2. ed. Philadelphia: Jewish Publication Society, 2003.

⁸ O caso de Jefté e a filha é mencionado nos seguintes tratados da literatura *midráshica*: WR 37.4; Br 60.3; Tan. B. III, 112–114; Tan. Behukkotai 5; Koheleth 10.15; Ta’anit 4a; Midrash Tannaim 100; Sifre D., 148; Targum and Tosefta Targum on Jud. 11:39; PRK 32b; ER 11, 55–57; We-Hizhir, Behukkotai (GINZBERG, 2003, p. 875).

teve ligação alguma com a vitória conquistada por Jefté contra os amonitas, pelo menos de acordo com a visão *midráshica*.

A ideia de um tempo para que a filha buscasse a opinião dos sábios também está presente na literatura *midráshica*: “tudo que ele consentiria seria um intervalo durante o qual sua filha poderia visitar vários sábios, que deveriam decidir se ele era obrigado a cumprir ou não o voto” (GINZBERG, 2003, p. 876). Como já foi mencionado, esse pensamento parece refletir o fato de que a Torah oral (*Mishnah*) admitia que certos votos pudessem ser anulados, mas a decisão parecia estar nas mãos dos “sábios”. Era notório que “de acordo com a *Torah* seu voto era inteiramente inválido. Ele nem mesmo era obrigado a pagar o valor da filha em dinheiro” (GINZBERG, 2003, p. 876). Porém, misteriosamente “os sábios de seu tempo tinham se esquecido desta *Halakah*, e decidiram que ele devia manter seu voto” (GINZBERG, 2003, p. 876) Os rabinos concluem, sem respeitar a cronologia dos eventos do capítulo 11 e o capítulo 12 de Juízes, que “o esquecimento dos sábios vinha da Deus, ordenado como uma punição por Jefté ter assassinado milhares de Efraimitas” (GINZBERG, 2003, p. 876).

Curiosamente, a morte da jovem também aparece ligada a uma rivalidade entre Jefté e Finias, o sumo sacerdote naquela ocasião. Ele era o único que poderia resolver a questão quanto à anulação do voto:

Um homem ali estava vivendo naquele tempo que, se tivesse sido questionado sobre o caso, teria sido capaz de dar uma decisão. Este era o sumo sacerdote Finéias. Mas ele disse orgulhosamente: ‘O que! Eu, um sumo sacerdote, o filho de um sumo sacerdote, deveria me humilhar e ir a um ignorante!’ Jefté por outro lado, disse: ‘O que! Eu, o líder das tribos de Israel, o principal príncipe da terra, deveria me humilhar e ir a gente comum!’ Assim, foi somente a rivalidade entre Jefté e Finéias que causou a perda de uma vida jovem (GINZBERG, 2003, p. 876).

Como resultado dessa rivalidade, ambos são responsabilizados pela morte da filha inocente, e recebem o castigo pelos seus atos: “Sua punição não falhou. Jefté morreu terrivelmente. Membro por membro seu foi mutilado. Quanto ao sumo sacerdote, o espírito santo apartou-se dele, e ele teve de entregar sua dignidade” (GINZBERG, 2003, p. 876).

Enquanto literatura homilética, possivelmente os *Midrashim* possuem alguns propósitos com a repetição e expansão dessa narrativa, já que, nessa literatura, sempre há um aspecto exortatório. Entre as lições que pretendem ensinar podem

estar: (1) o perigo e as consequências de se fazer um voto impensado – que pode trazer mal às pessoas bem como a ira de Deus, (2) a ênfase sobre o agir de acordo com as leis cúlticas – a lei não requer sacrifícios humanos nem animais imundos, pois como visto, a ira de Deus vem em face da possibilidade de um cão ser o primeiro animal a aparecer em seu retorno, (3) a realidade da direta retribuição divina que traz castigo imediato sobre Jefté e Fineias, e (4) a insensatez das rivalidades – que, neste caso, custou a vida da filha e trouxe consequências tanto para Jefté quanto para Fineias, o sacerdote.

Por fim, cabe destacar que até este ponto nenhum rabino ou erudito judeu levou em consideração quaisquer ideias que viessem a favorecer a posição não-sacrificialista.

3 TRADIÇÃO CRISTÃ

A interpretação do voto de Jefté na tradição cristã foi influenciada pela tentativa de explicar o sacrifício à luz de preocupações morais, éticas e cristológicas, o que, sem dúvida, impactou de alguma forma as mudanças e as novas perspectivas e abordagens do texto de Juízes. E não seria necessário afirmar que o mesmo se deu com diversos outros textos bíblicos pela mesma razão.

Esta parte do artigo será dividida da seguinte forma: primeiramente, serão expostas as principais menções da perícopes na Patrística do século II d.C. ao século V d.C.; depois serão destacadas as interpretações oriundas da Idade Média entre o início do século VI d.C. ao início do século XVI com destaque especial para o início da posição não sacrificialista; por último, será apresentada a visão de dois teólogos do período da Reforma Protestante. Tendo em vista a abrangência do período em consideração, não se pretende aqui nenhuma abordagem exaustiva.

O período da Patrística analisado aqui vai do século II ao V d.C. que foi marcado pela divisão entre a Escola Antioquiana, que prezava pela interpretação literal das escrituras, e a Escola Alexandrina que conferia primazia à interpretação alegórica. Quanto à interpretação de Jz 11, 29-40, vale lembrar que, com exceção da obra de Agostinho, as menções à perícopes na obra da Patrística são breves. Porém, embora pequenas, tais menções podem demonstrar que tipo de posição esses autores adotaram diante da perícopes.

Aparentemente, Tertuliano (160-230 d.C.) foi um dos primeiros autores da Patrística que mencionou o voto de Jefté. No livro 3 das “Cinco Respostas a Marcião”, ele afirma que Jefté prometeu a

Deus um grandioso prêmio de guerra [...] o que Deus não queria, [e] para manter sua promessa, quebrou as leis sagradas da paternidade: a sombra de um medo poderoso fez sua mente violenta cobrir seu voto de pecado. [...] em vez de impiedade, fama, e pelo crime, louvor (TERTULIANO, 1997, p. 153).

Fica evidente a posição sacrificialista na visão de Tertuliano. Para ele, o voto nasce do medo que uma “mente violenta” tenta cobrir e destaca a insanidade de ter oferecido a Deus o que ele não tinha pedido. A menção da vitória (“fama” e “louvor”) de Jefté pode ser uma crítica à ideia de ser contado entre os heróis da fé em Hebreus 11.

A seguir, como representante da escola de interpretação alexandrina, destaca-se a posição de Orígenes (185-254 d.C.). Segundo ele, “a história sugere que o ser a quem tais ofertas são oferecidas para salvação dos homens deve ser muito cruel”. Ele coloca a história entre aquelas “dificuldades levantadas contra a providência” que “são mistérios e excedem nossa natureza humana” (ORÍGENES, 1997, p. 377). Contudo, o mais interessante e peculiar é a forma como Orígenes aborda a história em termos do mistério do martírio. Ele afirma:

Portanto, somos levados a crer que os poderes do mal sofrem derrota através da morte dos santos mártires; como se a sua paciência, sua confissão, mesmo diante da morte, e seu zelo pela piedade enfraquecesse a vantagem do ataque dos poderes malignos contra o sofredor, e seu poder sendo assim mitigado e dissipado, muitos outros daqueles a quem eles tinham conquistado, levantam suas cabeças e são postos em liberdade do peso com o qual os poderes malignos primeiramente os oprimiam e os injuriavam (ORÍGENES, 1997, p. 377).

Assim, para Orígenes, por “mais cruel que isso possa parecer da parte de Deus demandar o martírio, de alguma forma, essas mortes contribuem para a derrota do mal” (THOMPSON, 2007, p. 36). Por isso, “ela também era uma mártir, pois foi por sua morte condescendente que Jefté triunfou sobre os amonitas” (THOMPSON, 2007, p. 36).

É muito instrutivo perceber também como Metódio de Olimpos, pai cristão sírio que morreu como mártir em c.a. 311, abordou a perícope. No “Banquete das dez virgens”, no capítulo segundo do nono discurso, ele deixa implícita uma

interpretação cristológica da narrativa. Na menção está presente um hino cantado por Tecla, sugestivamente intitulado “Tecla cantando decorosamente um hino, o resto das virgens cantando com ela; João Batista, um mártir da castidade; A igreja, esposa de Deus, pura e virgem”. Ele escreve: “Jefté ofereceu sua pura filha virgem abatida como sacrifício a Deus; e ela, nobremente cumprindo o tipo do Teu corpo, bendito seja, bravamente clamou: - Eu me mantive pura para Ti, ó Noivo, e segurando a tocha acesa para ir te encontrar” (METHODIUS, 1997, p. 352). Fica claro que Metódio concebia o sacrifício da filha como tipo ou uma alegoria do sacrifício do filho de Deus. Como em Orígenes, a ideia de martírio está implícita aqui.

Porém, nem sempre a questão se resolveu a favor da filha. Ambrósio (340-397) responsabilizou tanto a filha quanto o pai. Inicialmente, quanto ao pai, afirma que “teria sido melhor não fazer a promessa sob qualquer condição, do que cumpri-la na morte de sua filha” (AMBROSE, 1997, p. 43). Ele inicia este parágrafo dizendo que, algumas vezes, é contrário ao dever cumprir um voto, ou manter uma promessa. Contudo, o mais peculiar em sua interpretação é a ponderação sobre a responsabilidade da filha na ocasião. Refletindo sobre a razão pela qual Deus tinha intervindo para impedir Abraão, e não Jefté, ele declara que a solução deve encontrar-se no caráter (não no gênero) dos indivíduos envolvidos. Em outras palavras, enquanto Abraão e Isaque estavam prontos para obedecer a ordem de Deus, Jefté e sua filha hesitaram por dois meses completos. Portanto, para Ambrósio “a obediência e devoção de Isaque mereceram que um carneiro fosse oferecido em seu lugar: pois a misericórdia é abundante onde a fé é imediata”. Por isso, segundo Thompson (2007), Jefté sofreu e sua filha lamentou devido a suas próprias falhas. Essa posição é quase singular na história da interpretação do texto.

Como representante da Escola Antioquiana, um de seus principais escritores, João Crisóstomo (354-407), interpretou a narrativa em estudo, também do ponto de vista sacrificialista. Para ele, o sacrifício foi um exemplo notável da “providência e clemência”, pois seu registro evitou que outros sacrifícios como este acontecessem no futuro (CRYSOSTOM, 1997, p. 434).

No raciocínio de Crisóstomo, se Deus tivesse novamente interferido como no caso de Abraão, outros como Jefté fariam o mesmo voto no futuro na esperança de que Deus também interferisse miraculosamente impedindo o voto, e assim tantas

outras mortes como essa ocorreriam. Porém, não fica claro se, para Ambrósio, o voto foi feito por Jefté na esperança de que, de alguma forma, Deus o interrompesse.

O último intérprete da Patrística a ser considerado antes de se voltar para os intérpretes da Idade Média é Agostinho (354-430 AD). Ele adotou, especialmente, o sentido quádruplo das Escrituras: histórico, etiológico, anagógico e alegórico (BERKHOF, 1994, p. 22), que seria a base para a interpretação medieval. Outra contribuição de Agostinho foi conferir a *regula fidei*, elaborada por Irineu, importância decisiva na exegese medieval.

Quanto à filha de Jefté, Agostinho deixou o maior legado da Patrística do II ao IV séculos. De fato, em seus sete volumes intitulados “Questões sobre o Heptateuco”, ele dedicou mais atenção ao sacrifício do que qualquer outro assunto singular (THOMPSON, 2007, p. 38). Thompson é o autor que melhor resume o pensamento de Agostinho sobre o sacrifício da filha. Ele declara:

Antes de Agostinho, Juízes 11 era introduzido ou como um relato literal sobre o erro do pai ou sobre a virtude da filha, ou ainda mais por seu valor figurativo tipológico em recomendar a virgindade. Agostinho combina uma leitura literal da história com sua busca por seus significados figurativos (THOMPSON, 2007, p. 38).

Curiosamente, Agostinho ainda sugere que a dor de Jefté estava no fato de ter encontrado sua amada filha quando esperava encontrar sua esposa. Em sua concepção, “ele estava antecipando tomar o cutelo para sua esposa; a aparição da filha será uma punição de Deus pelos seus planos ímpios” (ROBINSON, 2004, p. 341). Além disso, Agostinho questionava, ainda que, inconclusivamente, se Jefté tinha em vista um sacrifício humano. E se esse fosse o caso, se o cumprimento do voto não foi apenas permitido, mas talvez até guiado por uma secreta direção do “espírito do Senhor” que o tinha ungido. De qualquer forma, Thompson salienta que, para Agostinho, a providência tinha duas lições a ensinar. A primeira está no nível literal da exegese e da ética, pois se o ato de Jefté foi pecaminoso, quer pela tolice de um voto impensado ou pela violência de matar a própria filha, deve ser um modelo negativo a ser evitado. A segunda lição está no nível do significado tipológico ou alegórico. Deus não apenas queria ensinar ao povo que o sacrifício humano era ilícito, mas lhes oferecer uma prefiguração do sacrifício de Cristo (THOMPSON, 2007, p. 39). Porém, o mais importante é que, dentro da interpretação

alegórica ou tipológica, aquilo que “parecia ou era um crime, realmente não é, pois os escândalos estão verdadeiramente servindo a uma narrativa divina, mais elevada” (THOMPSON, 2007, p. 39). Quem sabe, está aqui a conquista deste tipo de interpretação, ou seja, a fuga dos dilemas morais que a visão puramente literal da narrativa pode levantar.

A Idade Média marca uma nova fase na interpretação bíblica. Verdadeiramente, pode-se afirmar com certa segurança que, no que diz respeito ao método predominante deste período, o sentido quádruplo dominou a interpretação bíblica em geral. Mickelsen afirma que “de 600 AD a 1200 AD a alegoria tinha forte influência sobre as mentes dos teólogos medievais. Coleções de interpretações alegóricas circulavam. Estas mostravam quantos significados uma palavra poderia ter” (1972, p. 36). Para exemplificar o espírito da época se recorda aqui o adágio de Hugo de St Victor ([1096?]-1141), um dos maiores intérpretes deste período: “aprenda primeiro o que você deveria crer, e depois vá a Bíblia e o ache ali” (KAISER; SILVA, 2009, p. 215).

Quanto à interpretação do sacrifício da filha de Jefté, dois exemplos desse período serão suficientes. Isidoro (560-636), bispo de Sevilha, continuou a ver Jefté como um tipo de Cristo. Contudo, sua filha não representava a igreja, mas a “carne pura” de Cristo, que ele ofereceu em favor de seu povo (THOMPSON, 2007, p. 41).

Além dele, Dionísio, o Cartaginense (1401-1471), escrevendo no fim da Idade Média, exemplifica muito bem a visão de seus predecessores sobre o texto. De novo, Thompson resume apropriadamente seu pensamento. No nível literal, Dionísio destaca o valor da filha de Jefté sendo envolvida por suas amigas, isto é, o valor do companheirismo das mulheres umas com as outras. Ele também desaprova a maneira como o pai responsabiliza sua filha por trazer-lhe ‘desgraça’. Por fim, Dionísio não hesita em comparar a bondade e obediência da filha com Isaque, salientando seu sofrimento inocente. Como se vê, sua interpretação assume uma atitude muito “simpática” para com a filha sacrificada. No nível espiritual ou místico, ele segue a tipologia de Agostinho na qual Jefté é um tipo de Cristo, mas segue Isidoro ao afirmar que, em seu sentido pleno, a filha representa Cristo. É interessante notar como Dionísio baseia essa posição valendo-se de textos bíblicos, Rm 8,32; Is 53; Sl 69, 88; At 3,18 (THOMPSON, 2007, p. 41).

Entretanto, é exatamente na Idade Média que a primeira versão de cunho não-sacrificialista veio a surgir. Até aqui, mesmo as interpretações alegóricas ou tipológicas assumiam a literalidade do cumprimento do voto através da morte da filha pelas mãos do pai. Porém a interpretação do exegeta judeu David Kimhi⁹ (1160-1235) traria algo novo que, embora tendo demorado algum tempo, acabaria influenciando muitos intérpretes da tradição cristã.

Alguns pontos de sua exegese podem ser revistos aqui. Em primeiro lugar, Kimhi considerou a conjunção *we* (e) da cláusula “será do Senhor e o oferecerei em holocausto” (Jz 11,31) como uma conjunção alternativa “ou”. Neste caso, ele traduziu a cláusula como segue “será para o Senhor ou oferecerei em holocausto” (BERALDIN, 2000, p. 236). Assim, Kimhi concluiu que se um animal lhe aparecesse primeiro, ele o ofereceria em holocausto; caso fosse um ser humano seria dedicado, como virgem perpétua, ao Senhor. Além disso, argumentando contra a visão literal, ele aponta para a declaração da filha no verso 37:

É totalmente claro que ele não a matou porque o texto [no verso 37] não declara “eu lamentarei minha vida”, [mas, apenas “eu lamentarei minha virgindade”]. Isto indica que ele não a matou, mas preferivelmente que ela não conheceu homem algum [permaneceu virgem], porque o texto diz [verso 39] “ela não conheceu homem algum” (KIMHI apud MARCUS, 1986, p. 8).

Por fim, sobre o verso 39, ele continua dizendo: “Além do mais, o texto no verso 39 continua a dizer ‘ele cumpriu nela o voto que tinha feito’. Não diz ‘ele a ofereceu como um *‘olāh*... Ele construiu para ela uma casa e a colocou ali. Ela tornou-se reclusa do homem e dos caminhos do mundo” (KIMHI apud MARCUS, 1986, p. 8). Tal posição encontrou dentro da tradição cristã certa aceitação, embora isso tenha levado algum tempo e tenha se restringido mais aos intérpretes protestantes.

Por sua vez, a exegese da Reforma marcou uma virada na interpretação bíblica, embora, às vezes, as regras hermenêuticas tenham sido melhores do que a prática (KAISER; SILVA, 2009, p. 216). Muito poderia ser dito também sobre a

⁹ Adicionalmente sobre Kimhi, Beraldin informa: entre os expoentes da exegese sefardita deve ser lembrado também David Kimhi (RaDaQ, c.1160-1235), membro de uma ilustre família de estudiosos, autor de comentários (centrados no *peshat*) ao Gênesis, às Crônicas, aos Salmos e aos livros proféticos, como também de uma gramática e de um vocabulário do hebraico bíblico (o *Mikhlol*, “plenitude”, “enciclopédia”, e o *Séfer ha-shorashim*, “livro das raízes”), muito difundidos entre os estudiosos judeus e cristãos até depois da Reforma (dos autores da King James Version, falou-se que “sentaram aos pés de Radaq”) (BERALDIN, 2000, p. 236).

exegese da Reforma, porém tal empreendimento foge do escopo desta pesquisa. Mas dois aspectos podem ser destacados. Esta virada hermenêutica foi marcada por um forte humanismo, e a tarefa da interpretação passou do magistério para o sujeito. Outra mudança se deu no fato de que o sentido quádruplo foi rejeitado e apenas o literal foi mantido. Lutero, por exemplo, chegou a afirmar que a alegoria não passava de “sujeira”, “escória” e “um monte de trapos obsoletos” (VIRKLER, 2007, p. 48). Além disso, a exegese da Reforma rejeitou o papel da tradição eclesiástica como critério hermenêutico, e buscou colocar em seu lugar a iluminação pessoal do Espírito Santo. A Bíblia devia interpretar-se a si mesma e essa era uma tarefa individual que não estava restrita ao clero.

No que diz respeito à filha de Jefté, embora não haja unanimidade entre os exegetas da Reforma, foi entre eles que os argumentos não-sacrificialistas encontraram mais espaço. O primeiro a difundir os argumentos de Kimhi foi Nicolau de Lyra (1270-1349), que, embora seja anterior à Reforma, a influenciou grandemente, principalmente a Lutero. É curioso que o próprio Lutero não tenha aceitado a visão não-sacrificialista. Thompson (1986, p. 43-44) destaca três autores que, na década de 1530, escreveram comentários sobre Juízes. O primeiro, Sebastian Münster, foi responsável por enfatizar os detalhes gramaticais da teoria para os leitores do latim, atraindo atenção mais séria para a sobrevivência da filha. Além dele, Conrad Pellican (um zuíngliano) e Johann Brenz (um luterano), mesmo sem terem contato com a exegese de Münster, defenderam a posição não-sacrificialista (THOMPSON, 2007, p. 44). No caso de Brenz, “ela ainda é exaltada por sua nobreza e obediência, desde que nenhuma filha é obrigada a submeter-se a um voto de celibato contra a sua própria vontade. Assim, Brenz endossa a preocupação registrada pelas feministas hoje, que censuram a perda da autonomia da filha” (THOMPSON, 2007, p. 44).

Seria interessante refletir sobre as razões pelas quais os argumentos não-sacrificialistas acharam espaço principalmente entre os cristãos da Reforma. No cerne dessa mudança, está o abandono da alegoria pela exegese da Reforma. É verdade que, desde Agostinho, a preocupação ética está presente na interpretação da passagem. A solução proposta por ele foi considerar a passagem não apenas no nível literal, mas no nível tipológico-alegórico. De alguma forma, essa era uma saída para o dilema moral na narrativa do herói que sacrifica a própria filha. Pois, como já

foi comentado, não há mais crime, já que os escândalos estão servindo para uma narrativa divina, mais sublime. Porém, à medida em que a exegese da Reforma abandona o sentido alegórico, ela carece de uma saída moral adequada para aqueles que viam nela qualquer tipo de dilema moral. Neste caso, a visão nãosacrificialista adequava-se bem a esse propósito. Pois não feria os princípios fundamentais da hermenêutica da reforma e oferecia uma saída para o dilema do sacrifício humano.

Evidentemente, isso não livrava Jefté de censura por um voto precipitado e impensado, mas tira dele o estereótipo de assassino. Não se quer afirmar que todo este processo interpretativo tenha sido consciente, até porque todo pré-conceito geralmente é inconsciente e não controlável. Secundariamente, a questão levantada por Marcus deve ser considerada. Notoriamente, a visão não sacrificialista oferecia um exemplo bíblico de celibato, tão difundido dentro da tradição cristã. Vale lembrar que, na exegese da Idade Média, a filha foi comparada à igreja e ao próprio Cristo e, por conseguinte, sua virgindade tornou-se um sinal de pureza. Assim, sua condição de virgem acabou tornando-se objeto de louvor e digno de imitação. Nesse caso, mesmo na interpretação literal nãosacrificialista, sua submissão e obediência a tornam digna também de imitação, e oferece um formidável precedente para a vida de celibato nos mosteiros e conventos no fim da Idade Média. Isso pode explicar o fato de que quaisquer comentários rabínicos tenham levado em consideração tal possibilidade e, mesmo que tenha sido um exegeta judeu o primeiro a elaborar uma visão nãosacrificialista, ela só foi aceita por poucos de sua tradição, que é marcada pela valorização da concepção e pela ausência de mulheres envolvidas exclusivamente no ministério sacerdotal.

Atualmente, poucos autores da tradição cristã protestante ainda defendem a posição não sacrificialista. Contudo, o debate continua e ambos os lados apresentam com vigor seus argumentos. Em sua tese doutoral, Marcus (1984) apresenta um ótimo resumo dos argumentos sacrificialistas e não sacrificialistas. Embora o autor prefira a posição não sacrificialista, o que chama de “minha preferência pessoal”, ele admite que todos os argumentos estão baseados na interpretação de um texto que tem muitos problemas tanto linguísticos quanto exegéticos. Na opinião do autor, o narrador provavelmente “escolheu suas palavras de modo que estivessem abertas para um número de interpretações” (MARCUS,

1984, p. 52). De fato, será difícil evitar qualquer tipo de subjetividade ao se decidir qual posição tomar. Possivelmente, esta é uma lição aprendida com esta breve reconstrução histórica da interpretação desta narrativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a discussão acima pode-se afirmar que os intérpretes judaicos abordaram o texto a partir da ótica da lei judaica que condenava tenazmente a prática de sacrifícios humanos bem como a realização de votos impensados ou precipitados. Por isso, Jefté foi reputado como néscio e seu ato foi pungentemente condenado por esses intérpretes, que em nenhum momento levaram em conta a possibilidade de Jefté não ter sacrificado sua filha. Além disso, na mesma tradição, o contato com a cultura greco-romana levou alguns escritores como Josefo e PseudoFilo a abordar a narrativa apologeticamente, buscando defender a Torah diante do fato de um “juiz” ter sacrificado aparentemente a Javé sua unigênita.

Os intérpretes da tradição cristã impulsionados pelo ímpeto, mesmo inconsciente, de lidar com um caso de sacrifício humano praticado por um “herói” bíblico, e impelidos pelo mistério vicário de Cristo vislumbraram na narrativa uma prefiguração veterotestamentária do grande sacrifício do Pai em entregar seu unigênito puro e imaculado em favor do mundo. Já com a rejeição do método alegórico por grande parte dos exegetas protestantes o problema tomava novo alento. Sendo assim, muitos intérpretes dessa tradição encontraram, na interpretação não sacrificialista de Kimri, uma alternativa satisfatória para evitar o dilema do sacrifício humano.

Por fim, na contemporaneidade, as intérpretes da tradição feminista tem abordado o texto a partir da ótica das mulheres e tem feito da história de opressão ao feminino uma chave de leitura para a perícopes. Com isso as discussões sacrificialista e não sacrificialista se tornam irrelevantes. Nem mesmo o verdadeiro significado do texto é importante já que o mesmo não passa de uma construção ideológica patriarcal que reflete a dominação masculina sobre as mulheres. Neste caso, o texto deve ser estudado criticamente à luz do evangelho, que prega a

igualdade e respeito entre todos os seres, independentemente de quem são ou do papel que desempenham na sociedade.

É possível concluir que mais do que um “revisar” histórico por si, a história da interpretação de qualquer texto bíblico como Jz 11,29-40 com frequência confirmará a proposição de Thompson que a Bíblia é melhor entendida quando o legado da interpretação clássica é levado em consideração de modo que os intérpretes do passado possam guiar e desafiar os leitores e ouvintes de hoje (THOMPSON, 2007, p. 11).

REINTERPRETATIONS OF JUDGES CHAPTER 11 VERSICLES 29 TO 40: VIEWS FROM AN HISTORICAL HERMENEUTIC PERSPECTIVE

Abstract

The story of the sacrifice of the daughter of Jephthah reported in Judge 11, 29-40 always caused distinct emotions. Such emotions are reflected in the productive story of the interpretation of the passage in the Judeo-Christian tradition. Generally, the Jewish tradition always considered the text of the literal view point stressing the insanity of the oath and the madness of its fulfillment. On the other hand, for times, the Christian tradition or considered the oath as typologically pointing to Christ, or it sought an escape to the moral dilemma, understanding that the oath was don't fulfillment literally, namely, the daughter don't was really killed, but dedicated to Yahweh in the temple service during the rest of life. Such passage becomes a good example of as the story of the interpretation can help to elucidate both the hermeneutic process, as the most suitable meaning of a text.

Key-words: Human sacrifices. Daughter of Jephthah. Old Testament. Text interpretation.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Philip. Targum. In: FREEDMAN, D. N. **The Anchor Bible Dictionary**. v.4. New York: Doubleday, 1996.

AMBROSE. Three books on duties of the clergy. In: SCHAFF, P. **The Nicene and Post-Nicene Fathers**. v.10. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997.

BALZ, H. R.; SCHNEIDER, G. **Exegetical dictionary of the New Testament**. v. 3. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

BERALDIN, Jose Afonso. **Vademecum para o estudo da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2000.

BERKHOF, Louis. Trad. de Rosa Merval. **Princípios de interpretação bíblica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1994.

CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. **The Oxford dictionary of the Christian Church**. 3.ed. New York: Oxford University Press, 2005.

CRYSOSTOM, John. Homilies concerning the statues. In: SCHAFF, P. **The Nicene and Post-Nicene Fathers**. v.9. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997.

DANBY, Herbert. **The Mishnah**: translated from the Hebrew with introduction and brief explanatory notes. New York: Oxford University Press, 1988.

GEISLER, N. L. **Baker encyclopedia of christian apologetics**: Baker reference library. Grand Rapids: Baker Books, 1999.

GINZBERG, L. **Legends of the Jews**. 2. ed. Philadelphia: Jewish Publication Society, 2003.

JOSEPHUS, Flavius. Antiquities of the Jews. In: WHISTON, W. **The works of Josephus**: complete and unabridged. Peabody: Hendrickson, 1996.

_____. Antiquitates Judaicae. B. Niese. Disponível em:
<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0145%3Abook%3D5%3Awhiston%20chapter%3D8%3Awhiston%20section%3D10>>.
Acesso em: 19 abr. 2011.

KAISER, Walter C; SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica**. 2. ed. Cambuci: Cultura Cristã, 2009.

MARCUS, David. **Jephthah and his vow**. Lubbock: Texas Tech, 1986.

METHODIUS. The banquet of the ten virgins. In: ROBERTS, A.; DONALDSON, J.; COXE, A. C. **The Ante-Nicene Fathers: Translations of the writings of the Fathers down to A.D. 325**. v.6. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997.

MICKELSEN, A. Berkeley. **Interpreting the Bible**. Michigan: Eerdmans Publishing Company, 1972.

MYERS, A. C. **The Eerdmans Bible dictionary**. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

ORIGENES. Of the Death of the Martyrs Considered as a Sacrifice, and in What Way It Operates to the Benefit of Others. In: ROBERTS, A.; DONALDSON, J.; COXE, A. C. **The Ante-Nicene Fathers: Translations of the writings of the Fathers down to A.D. 325**. v.10. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997.

PFEIFFER, C. F.; VOS, H. F.; REA, J. **The Wycliffe Bible Encyclopedia**. Moody Press, 2005.

PSEUDO-PHILO. **The biblical antiquities**. Trad. de M. R. James. Internet sacred texts archives. Disponível em: <<http://www.sacredtexts.com/bib/bap/bap56.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

ROBINSON, Bernard. **The Story of Jephthah and his Daughter: Then and Now**. Biblica 85, n. 3. 2004.

SMELIK, Willem F. **The Targum of Judges**. Leiden: E. J. Brill, 1995

STRACK, H. L. et al. **Introduction to the talmud and midrash**. Minneapolis: Fortress Press.

TERTULIANO. Five books in reply to Marcion. In: ROBERTS, A.; DONALDSON, J.; COXE, A. C. **The Ante-Nicene Fathers**: Translations of the writings of the Fathers down to A.D. 325. v. 4. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997.

THOMPSON, John L. **Reading the Bible with the dead**: what you can learn from the history of exegesis that you can't learn from exegesis alone. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2007.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. Trad. de Luis Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2007.

WHISTON, W. **The works of Josephus**: complete and unabridged. Peabody: Hendrickson, 1996, p. 257-266.